

DF- Planaltina

em festa

CENTENÁRIA, A REGIÃO MAIS ANTIGA DO DISTRITO FEDERAL COMEMORA 146 ANOS COM O QUE SEU Povo TEM DE MELHOR. SAUDOSA E HETEROGRÊNEA, A POPULAÇÃO QUER MAIS PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

Thales Sabino

Em 1859 nascia a mais antiga região do DF. Privilegiada por uma natureza rica, com pequenos morros, como o do Centenário e o da Capelinha, conhecido pela apresentação da Via Sacra, Planaltina comemorou 146 anos no dia 19 e hoje celebrará a data com desfiles militares e cívicos de alunos da rede pública, na avenida da Independência e realização de concurso de bandas e fanfarras. Haverá ainda a participação de representantes da Via Sacra, da Folia de Reis e da Academia Planaltinense de Letras.

Também na avenida Independência, desde o dia 18, a III Exposição Agropecuária de Planaltina tem reunido muita gente interessada em aproveitar o parque de diversões, curtir os rodeios e assistir a duplas sertanejas. A feira segue até o dia 28.

Ontem, uma série de apresentações batizada de Maratona Cultural pela Paz levou pequenos shows da própria comunidade à praça Salviano Monteiro Guimarães e terminou só de noite.

Planaltina, atualmente vive uma divisão injusta. De um lado, o antigo decadente e de outro o novo desordenado. No meio, um povo que ainda não foi despertado para dar o valor devido à sua história. Assim está a cidade que, com a fundação de Brasília, deixou de pertencer a Goiás, mas que trouxe consigo um enorme e rico patrimônio histórico que infelizmente tem sido destruído com o passar dos anos.

Um bairro com vida própria - "Salve Deus!". É esse o cumprimento que mais se ouve nos 25 alqueires do Vale do Amanhecer, bairro a seis quilômetros de Planaltina. A vila reúne mais de 20 mil pessoas e recebe turistas do mundo todo, em busca da cura espiritual através da doutrina deixada por Tia Neiva, sua fundadora, e é nacionalmente conhecida por

ser uma região espiritualizada, com templos e muito simbolismo. Hoje, a religião tem mais de 250 mil adeptos. Lá, os trajes usados por seus praticantes são cheios de brilho e de cores, tudo com significado próprio, que muitas vezes mistura referências de várias religiões. Fotos e imagens de Jesus Cristo, de Tia Neiva, Iemanjá e do Índio Sete-Branca estão espalhadas pelos espaços destinados aos trabalhos espirituais.

Valdemar Ferreira, conhecido como Adjunto Japuacy, é o responsável pela recepção dos turistas no Vale. Em sua opinião, Brasília deveria investir no potencial turístico da região. "Falta divulgação e investimentos do governo e de empresários aqui. Não temos um trabalho profissional de relações públicas. Os turistas quando chegam aqui, vêm atrás de fé, mas também querem uma boa hospedagem e alimentação. Seria ótimo para o desenvolvimento das redondezas", conta.

Defensor do patrimônio histórico - Preto Resende, 46 anos, é um importante colaborador da cultura em Planaltina. É ele quem coordena, há sete anos, uma das maiores encenações da Paixão de Cristo no Brasil, com cerca de 1,3 mil atores. Durante a Semana Santa, o público na cidade chega a 200 mil pessoas e movimenta o comércio local. Preto trabalha ainda com dois grupos de teatro e acredita que a cidade não tem seu valor reconhecido pelo governo.

"Planaltina é chamada de mãe de Brasília, mas eu diria que é a avó. A mãe recebe mais atenção, a avó é mais esquecida. Atualmente, sinto que Planaltina está sendo esquecida pelos nossos políticos. A cidade cresceu de forma desordenada e sem estrutura, muito além do que a infra-estrutura podia suportar", comenta.

"Se você não dá incentivo para que as pessoas daqui mesmo repassem a cultura local para frente, perdemos a identi-

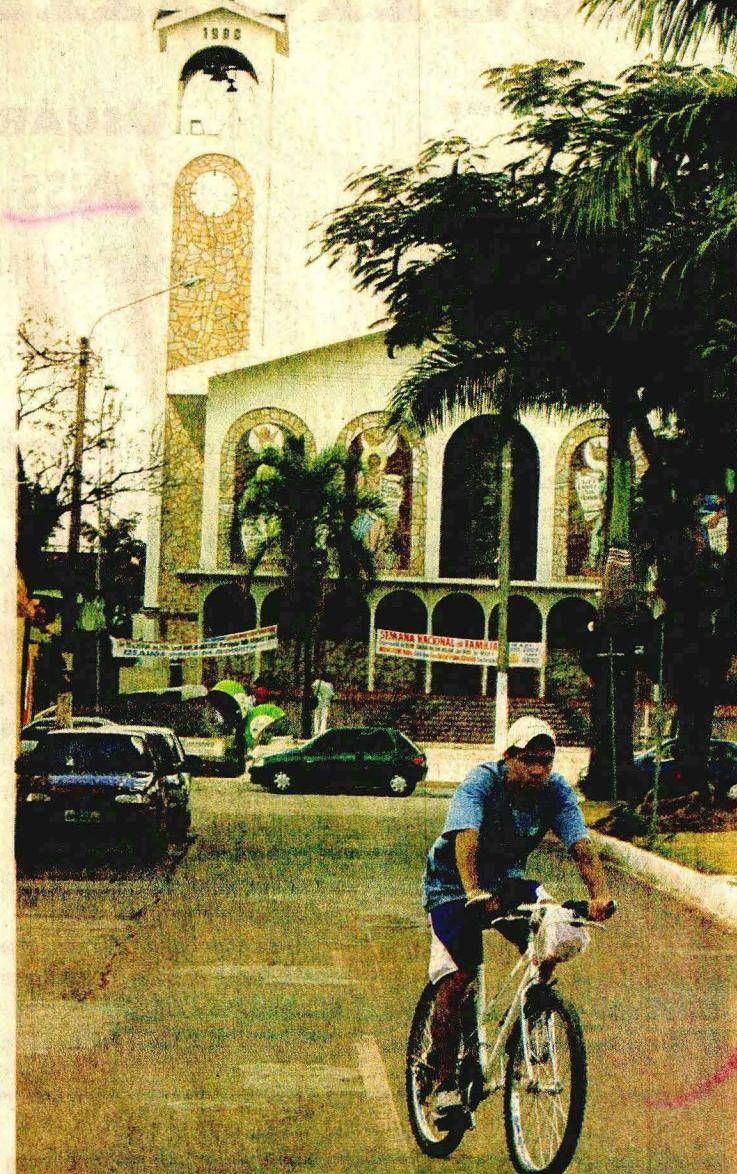
dade com o tempo". Resende lembra a dança curraleira, que no passado era muito difundida na região. Hoje é provável que não se ache ninguém que pratique a técnica no raio de 400 quilômetros.

"Os casarões daqui distinguem Planaltina das demais cidades do DF. Hoje quase não se vê mais nenhum. A especulação imobiliária faz que as pessoas vendam seus casarões para serem transformados em prédios de dois andares, descaracterizando a parte histórica", critica. Para ele, é obrigação do governo preservar e subsidiar a cultura de uma comunidade, em todos os aspectos, inclusive o arquitetônico.

É a falta de incentivos aliada ao alto custo de manutenção que faz com que muita gente tome a iniciativa de vender as construções antigas. "Se eu fosse reformar minha casa, eu gastaria mais do que se fosse construir outra nova. Por isso estou pensando em vendê-la e mudar para um outro lugar mais confortável", avisa Júlio César Goulart, 60 anos. "Vai ser difícil para mim, pois pertencem a meus sogros há muitos anos, mas como não tenho condições de conservar a casa, não tenho outra alternativa", conclui.

Saudosismo e muita energia - Dona Nair Gomes Rabello, 82 anos, é uma figura simples e encantadora. Nascida em Planaltina, ela é casada com Pedro João da Silva, 83. Os dois não puderam ter filhos. Ela lembra a época que a cidade ainda pertencia ao estado de Goiás. "Naquela época Planaltina era muito sem recursos e atrasada. Não tinha nem hospital. Mas num ponto era muito melhor, não tinha violência e as pessoas não precisavam viver trançadas". Com os olhos cheios d'água, Nair lembra a infância tranquila. "A gente brincava até tarde, não tinha medo de ficar na rua. Todo mundo era ami-

go". O que ela mais gosta na cidade é da Igreja São Sebastião, a primeira do local, construída por seus avós. Emocionada, ela lamenta ter perdido quase todos os pessoas queridas ao longo da vida. "Quando lembro como era aqui, fico triste. Eu tinha tantas amizades, mas muitos morrem. Me sinto sozinha demais", desabafa. Ela relembra que ouviu dos pais a história de que o presidente Epitácio Pessoa tinha baixado decreto em 1922



No Centro, antigo e novo dividem seus valores



Pedro João da Silva e Nair Rabello: saudade da tranquilidade do lugar

determinando o local onde seria construída a futura capital do País. Isso quase 40 anos da construção de Brasília por Juscelino Kubitschek.

O aposentado Pedro orgulha-se ao dizer que mesmo com 83 anos, ainda continua ativo e trabalhador. Se pudesse fazer alguma coisa para mudar a realidade local, ele começaria por renovar o quadro funcional da Administração Regional. "Hoje tem gente que fica satisfeita apenas comendo e dor-

mindo. Precisamos de gente com autoridade, que não tenha medo de brigar pelo povo daqui, que traga progresso e que defenda Planaltina", diz.

As Malvadas do Axé - Com minissaias coloridas e blusas decotadas, as irmãs Joselita e Marina de Jesus e a amiga Silvana Pereira gostam mesmo é de dançar axé. As adolescentes admitem pouco saber sobre a história de onde nasceram e dizem que nunca ninguém se interessou em ensiná-las. Na

escola, nada sobre Planaltina. Aprendem mais sobre a formação dos Estados Unidos do que sobre a local.

Enquanto passeiam pelas ruas da cidade, não fazem idéia do que representam os casarões antigos. "Eu me interesso mais por minha dança. Fundamos o grupo As Malvadas do Axé. Ensaiamos toda quinta-feira e fazemos nossas próprias coreografias. Até já nos apresentamos a convite da Administração", conta Joselita.